A internacional operária depois da guerra

UMA CARTA DA UNIÃO SINDICAL ITALIANA Á C. G. T. FRANCESA

Encarregada pelo Conselho Geral, na sua reunião de 17 e 18 de Maio, de se ocupar das relações internacionais entre as organizações sindicais independentes dos vários países, a Comissão executiva da União Sindical Italiana dirigiu em 23 de Agôsto à Confederação Geral do Trabalho, de França, uma importante carta, de que damos abaixo a parte essencial, resumindo o restante.

O documento começa por lembrar a posição da U. S. I., excluída da Internacional Operária por ser numéricamente um pouco inferior à outra organização nacional, reformista, a «Confederazione General del Lavoro», e a posição da C. G. T. francesa, admitida na mesma Internacional por ser a maioria organizada em França, embora se tenha conservado independente do Partido Socialista Democrático. A União Sindical Italiana e outras organizações nacionais da mesma orientação fizeram várias tentativas para criar uma nova Internacional, conservando-se as organizações francezas estranhas a essas tentativas. Mas agora é urgente o entendimento; e sob se o movimento nacional se guiará, na sua orientação e nas suas relações internacionais, pelas discussões dos congressos internacionais, A U. S. I. pregunta, pois, à C. G. T.

«¿Qual será ámanhã o *modo* de convocação dos congressos internacionais? ¿Presidirão a estas convocações os exclusivismos sectários e os dogmatismos maioristas, que constituíram no passado o hábil artifício próprio para escamotear da Internacional o internacionalismo, do sindicato o sindicalismo, da classe a acção de classe?

E se tal se pretendesse, ¿associar-vos-íeis a isso? ¿A C. G. T. francesa associar-se-há a uma convivência internacional que a vincule ao reformismo e que a isole das organizações que seguem a orientação sindicalista na Itália e alhures e que jamais traíram o proletariado, tanto no interior como no exterior? ¿Ou, apesar da adesão ao *statu quo* internacional anterior à guerra por parte da C. G. T. francesa, tencionará esta, e de que forma, efectuar ao mesmo tempo relações positivas de solidariedade com o movimento sindicalista dos outros países?

¿O formalismo burocrático e a simplicidade, mascarada de disciplina, terão mais uma vez triunfado sôbre as tendências naturais e as afinidades espontâneas dos organismos?

¿A guerra, êsse terrível flagelo que revolveu o mundo, desmentindo e denunciando profecias de ingénios e canalhices de astutos; a guerra, essa exterminadora de homens e remexedora de ideas, deixará então as nossas coisas tais quais, no seu estado anterior?

¿Ou pior ainda, terá dividido entre si os sindicalistas, por causa de vistas diversas, que neste lugar deixamos de lado e que não podem influir sôbre as nossas resoluções a respeito do assunto que tratamos — para deixar intacto o estado de facto existente antes da guerra na situação das relações sindicais internacionais, sôbre a qual passou, admoestadora, severa, num só ano, já tanta experiência feita de sangue?

Em suma: os sindicalistas franceses esquecer-se-hão da existência de organizações nacionais que, nas condições teóricas existentes antes da guerra, são irmãs?

¿Ou ainda, o que não queríamos, pelo que se refere à acção de amanhã a experiência dos últimos acontecimentos, em vez de vos afastar dos programas da maioria internacional oficial sindical, ter-vos-há afastado de nós, que nos sentimos hoje mais do que nunca fortes no princípio sindicalista classista?»

A carta mostra depois o empenho em obter uma resposta do único organismo nacional, de tipo sindicalista, que adere à Internacional operária, com séde em Berlim. Trata-se de estudar e determinar desde já a atitudd e às resoluções a tomar. Se as preguntas não são claras, a U. S. I. diz-se disposta a dar tôdas as explicações sôbre a conduta da U. S. I. no momento actual.

O órgão da U. S. I., *Guerra di Classe*, informa-nos de que a Comissão enviou cópia da carta às organizações sindicais dos vários países, incitando ao estudo e discussão do assunto.

O problema é, na verdade, de grande importância para o movimento operário, tanto mais que pode pôr de acôrdo alguns que a questão da guerra separou.

Aí fica êle proposto aos militantes sindicalistas portugueses, cuja opinião a êste respeito muito folgaríamos de ouvir — para o que, é claro, teem à sua disposição as nossas colunas.

Não farei coisa alguma em vista da opinião, e farei tudo em vista da minha consciencia. —Seneca.

A ferro e fogo

Lógica de conselheiro

... Vamos ainda — ainda assim podia ser pior. Quem paga dez reis por um jornal diario não pode exigir mais e melhor. Ali no «Janeiro», por exemplo, o snr. Alpoim que escreve à razão de tres mil é pico por dia, farta-se de mentir, de deturpar, de aborrecer os leitores que teem a paciência de aturar as suas arengas massadoras e incoerentes. Ainda no sabado, discreteando sobre a acção dos italianos na guerra europeia, deixou transparecer o seu júbilo, porque os governantes daquele país «não hesitam para erguer a imaginação popular, em recorrer ate à fé religiosa». A seguir diz-nos que viu, num jornal C, «uma fotografia de benção de peças de artilheria antes de começar o fogo»; fala depois sobre a acção do papa relativa à guerra e afirma que se o mesmo conseguir alcançar a paz, a igreja católica ficará, como nos tempos antigos, com um poderio extraordinario.

Alpoim, o céptico; o vencido, «que não é *infelizmente* um crente» (o grifado é nosso) aprova e aplaude todos estes feitos, todas estas infâmias, todas as mentiras macabras de uma religião de torpezas, só por que isso *levantará* os espíritos, envolvendo-os no misticismo estoico duma esperança — que nas convulsões da morte, nos derradeiros momentos da vida, estará firme, fagueira como uma salvação a dar ánimo aos desgraçados.

Mentira!... Mentira!...

O fidalgóte da Rêde contradiz-se a si proprio e mente á sua consciência escrevendo coisas que não sente. Se S. Exc.ª é, como disse algures, um descrente, se com efeito em nada acredita, é porque essa descrença é filha duma convicção; e sendo assim como vem S. Exc.ª arengar dichotes tolos, alimentando uma religião que considera falsa? Porque não escreve num sentido verdadeiro, em harmonia com as suas convicções, mostrando a vileza dêsses mesmos governantes que não hesitam em servir-se de símbolos apalhaçados e crenças anacrónicas que, a serem verdadeiras, deveriam ser invulneraveis para arrastarem à guerra, à carnificina, ao matadouro ignóbil e trágico a multidão inconsciente dos iludidos? Porque não escreve escalpelisando os autores da benção às peças, essa farça ridícula e baixa em que nos fala?

A estupidez a antepor-se á Razão; A hipocrisia e as trevas em combate com a luz e a Intelegencia!

Não snr. Alpoim, não!

Descance que desta vez os seus vaticinios hão-de sair-lhe errados.

Nos paizes em luta extremaram-se os campos. Dum lado o conservantismo do outro os avançados. Uns propagam a fé, o nacionalismo, a guerra; os outros a irreverencia, a insubordinação, a revolta. No final do conflito os povos hão-de vêr o erro em que caíram e sentirão ancias de se libertarem esmagando a sociedade capitalista que os arrastou á maior de todas as guerras — á guerra comercial das nacionalidades. O catolicismo falecerá em face do revolucionarismo. E o papa verá, contrito e pesaroso, diminuir-se-lhe o rebanho de crentes, com excepção apenas do snr. Alpoim, *que não é crente*, e quejandos.

Mas enquanto os factos eloqùentes e precisos não vierem desfazer-lhe as ilusões gulosas, continue, snr., a jogar com o seu pau de dois bicos, para não se zangar nem com Deus, nem com o Diabo. Está no seu papel e no seu elemento. Amigo e admirador da liberalíssima Inglaterra, a república coroada; bajulador indecoroso da Alemanha, êsse grande país das invenções e do talento; a França, a terra sublime da Revolução e do Progresso; Itália, a garibaldina e revolucionária Itália, terra bemdita de artistas e poetas; creio na vitória dos aliados; a Inglaterra nunca será esmagada: grande país esse que se apoderou do Sudan, do Egito, etc., etc.; sou um descrente, mas quero o catolicismo; creio em tudo e nas batatas.

Raça de cafres e de conselheiros. Lógica de jumento.

J. SALGADO.

Aos camaradas

Voltamos a insistir com os camaradas para contribuirem, na medida das suas forças, com qualquer quantia para a subscrição que iniciamos, a qual tem por fim extingnir a divida de 58$97,5 que pesa sobre *A Aurora*. Como vêem, é um pedido justíssimo o que lhe fazemos, certos de que não serêmos votados ao esquecimento.

Do grupo *O Semeador* recebemos a seguinte carta:

Camaradas de "A Aurora": — Na sua última reunião este grupo resolveu contribuir para a vossa subscrição com todo o dinheiro que tinha em caixa e que é 1$52. Igualmente se deliberou que os 3$00 com que contribuiu para o congresso de Londres, revertessem a favor da mesma subscrição, visto ele não se ter efectuado. — *Artur França*.

Transporte	17$90
Do grupo "O Semeador"	4$52
S. M. Júnior (Anadia)	$35
Gil Gonçalves (Olhão)	$50
Associação de Classe dos Curtidores de Sola (Alcanena)	$20
A. A. Silva (Braga)	$50
Grupo "Cérebro e Braço" (Portalegre)	1$00
Soma	24$97

A todos os que contribuem para esta subscripção, os nossos agradecimentos.